

A L A G R I O A

QUINZENARIO ILLUSTRADO

À CAMARA MUNICIPAL

«Muito Altos, Muito Poderosos
Camaristas, e Senhores Nossos»:

No nosso empenho, humano e patriótico, cá estamos, mais uma vez, rojados aos vossos pés, hu-

mittir as suas opiniões nas cascas de arvores ou em pelles de animaes!..

Escrever n'uma pelle de um leão que tinha rugido febrilmente nos sertões africanos, ou na casca d'um pecegoiro que produziu d'aquelles d'aparta carimbo, tinha qualquer coisa de estranho e de singular, n'estes tempos...



mildes como um frade franciscano, de pé descalço, pedindo a vossa intercessão nos melhoramentos d'esta terra.

Graças ao maravilhoso invento da imprensa— em que Guttemberg venceu Phidias, e levou um grande escriptor a dizer «que o pensamento humano não mais se esculpirá, imprimir-se-ha»,— podemos n'este papel levar até Vós a opinião, firme e inabalavel que nos domina.

Que difficuldades teriam os antigos para trans-

Depois faltava-lhe a publicidade, franca e decidida, ao passo que, d'esta maneira, uma povoação como a nossa, está ao corrente de tudo que dizemos, sente commosco e pensa commosco, quando a verdade illumine o nosso espirito.

Temos a plena certeza d'isso, e, n'essa convicção, «Muito Altos, e Muito Poderosos Camaristas, e Senhores Nossos», aqui estamos a atticar a Vossa esclarecida attenção para as nossas palavras.

E' deveras consternador olhar para a arborisa-

ção da nossa villa, tal o seu estado desceu-la lo, triste.

Quem, de vista proserutadora, reparar nas duas fileiras d'arvores, ao longo da estrada real que corta o Campo da Feira, nota-lhe, d'onde a onde, uns claros salientes, com o fim, provavei, de os moraladores das casas fronteiras poderem olhar, desafogadamente, para os dandys que se passeiam ahí, impertigados e birtos, ou verem livremente as procições.

Mas nem Vós, «Muito Altos Senhores», deveis ter condescendencias, a ponto de prejudicar a legitima e benficiente belleza das mimosas ou das tilias, nem os vossos municipas deverão descer á torpe exigencia de vos sacrificar a inquebrantabilidade do dever...

...O que se nota no jardim publico, Senhores, não he ha uma ausencia aterradora de arbustos e arvores...

Plantára-se em tempo um erasamento de arvores no Campo da Feira, e o vandalismo fel-as desaparecer uma a uma.

Havia na occasião do seu plantio quem o reprovasse, pela razão, estúpida, de prejudicar o movimento da feira.

E houve quem, de covado em punho medisse o espago havido entre uma e outra, julgando que não passavam, entre ellas, juntas de bois, de chifres afiados...

Diz-nos frei Pedro de Poyares que o referido campo estava povoado, ha alguns seculos, de formosos carvalhos.

Que aconhego amigo teriamos nós hoje, debaixo do sua sombra protectora ao atravessarmos o Campo, a tomar o *expresso* do meio dia, quando o sol provoca meningites!...

Nos dias de feira quanto lucraria o lavrador, exposto, actualmente, horas seguidas, aos raios solares, tendo um guarda-sol tão natural para se abrigar d'elles!...

Como nos fere a refina aquelle Campo tão nít, n'um dia de sol claro, em julho ou agosto!...

E' preciso que «Vós, Muito Altos, e Muito Poderosos Camaristas, e Senhores Nossos» attendais «que nem só de pão vive o homem», vive, tambem, das bellezas que o rodeiam, e em que elle pode descansar a vista, sem agravo para ella.

Barcellos pede uma ala de arvores, que, partindo da Santa Casa, venha terminar na estrada em frente.

Barcellos quer reparadas as faltas d'arvores em diferentes pontos da villa.

Estamos certos que a canalha as não cortará hoje, e, se o fizer, Vós tereis cumprida a vossa missão.

Ja não ha hoje, cremos, quem apedreje os candieiros publicos, como succedeu nos primeiros dias apos a sua collocação.

Preferi ás outras arvores o castanheiro, que é a mais formosa de todas as da nossa região, principalmente quando está armada com os penachos

dourados, precusores dos ouriços, dando, assim, á paisagem, um tanto de tropicalesco.

«Muito Altos, e Muito Poderosos Camaristas, e Senhores Nossos», tomai o exemplo do vosso confrade João Fernandes.

Reparae na vivacidade dos seus olhos, penetrante através d'umas lentes de crystal, montadas em aço, rijo como o seu caracter; no seu característico andar apressado, de madrugada, em procura das aguas publicas; na simplicidade commoda, hygienica e economica do seu vestir...

Temos a certeza de que tão importante vulto regenerador, se acomodaria, facilmente, amanhã, dentro do regimen republicano, ou mesmo do socialista, se pudesse continuar o emprego da sua actividade de bem servir esta terra.

Ainda ha dias, n'um incendio, encostando o hombro direito a uma tampa de pedra d'um reservatorio d'agua publica, que ia alimentar uma bombadao Voluntarios, a fez tombar do outro lado, deixando ficar os assistentes pasmados da sua semcerimonia e da sua força phenomenal.

Continuaremos.

PARA A FRANQUEIRA

Por via de regra o barcellense não sabe gosar.

Deita-se ás trindades e dorme até ás 8 horas da manhã do dia seguinte.

As noites de luar, formosas, passam-lhe despercebidas.

Sente goso nos cafés tomando pitadas *ammónicas*.

Tem um grande prazer em frequentar as *societés* da Assembleia.

Não passeia pelos campos.

E raras são as vezes que frequenta o jardim.

Gosta pouco de flores.

E' mais partidario de bandas de muzica, do que apreciar da emocionadora arte de Mozart.

Tem repugnancia de se banhar no rio.

Lê pouco ou nada, e, se o faz, procura romances de litteratura *barata* de bibliothecas economicas.

*

Pouca gente, do nosso tempo, comprehendeu superiormente a maneira de se divertir em Barcellos, como o nosso dilecto amigo Abel Fiuza.

Percebu que as margens do rio Cavado não foram feitas só para alimentarem salgueiros e que as suas aguas não se prestavam só para lavagens de roupa.

Com a sua familia e com amigos escolhidos, realisou passeiadas esplendidas na limpidez das suas aguas, e no verde, fresco, dos arvoredos lateraes, deu merendas escolhidas e variadas.

Notou o abandono criminoso a quo se votara a Franqueira, e iniciou passeios a ella, d'um dos quaes dá ideia a nossa gravura.

Ninguém realisára na nossa epoca divertimento tão suggestivo e tão alegre.

Vê lá tu, leitor, o que faria o Adelino, pelo caminho, quando o jumento teimoso lhe não desse uma marcha igual, embora que monotona.

Antonio Araujo que de brindes produziria, evocando mortos, em horas longas como a legua da Povoá.

O Gonçalo, risinho, disporia, com certeza, da sua habilidade de enfulpar guardanapos e condimentar acepipes.

O Carreira está grave, circumspecto, como um pachá do Oriente, fazendo vergar com o seu peso, phenomenal, o paciente azinino.

O João Rodrigues de Faria não está satisfeito, quer-se pôr em mangas de camisa e deixar a cabeça exposta ás brisas que passem: comeu bacalhau com batatas e ovos e hortaliça e vagens? tens um homem prompto para uma *varga* demorada.

O Luiz Monteiro vê-se mal compenetrado no seu papel; julga-se no tribunal e não ri.

O Abel está como que á espera de *partida* do Adelino...

¿Ao Antonio Mello d'este-lhe peixe frito, umas azeitoninhas e as «Sombras do Valle»?...

¿Vês lá ao fundo o José Monteiro com uma rozita na lapella? Diz da sua correção...

¿E das senhoras que queres saber? Tivesses a felicidade de ser convidado e verias que ellas folgavam como collegiaes em ferias. Olha-lhe para a franqueza do traje, terminado no alto por um chapéu de palha de ponta aguda.

Os pobres pioneiros estão bem postos; fazem-nos lembrar, na *pose*, aquelles *soldados* que seguram S. Jorge na proissão do Corpo Deus.

*

E tu, leitor, attenta no que dissemos.

Foge do salão em baile em que a tua familia se escrophulisa n'uma athmosphera de ditos bananaes, e imita o Abel Fiúza.

Manda o teu jantar hoje para o rio, come-o debaixo d'uma sombrinha apetitosa, e depois me dirás maravilhas.

*

A photogravura foi reproduzida d'uma photographia do nosso amigo Julio Vallongo, que foi tirada no largo da Igreja, em S. Paio.

Ora vá lá um alegrãozinho aos *azues*, a quem o numero passado da «Lagrima» fez umas cocegas brejeiras nas plantas dos pés. Nem que a tarantula os mordesse, saltavam tanto.

A banda dos Bombeiros para ter muitos ouvintes faz annunciar as fest s onde toca, mandando passear na villa as gigantás, ao som do *Zé Pereira*. É um novo systema de reclamo. Até'qui as musicas annunciavam as festas, agora as gigantás annunciavam a musica, e esta a festa. Não tardará que por este processo os annuncios comecem oito dias antes.



versos com o titulo «Essencias da mostarda».

Antes de haver a confraria de S. Bento da Varzea, o Balisa era um homem arrojado e destemido fazendo frente a qualquer, mas nomeiam-n'o thesoureiro da nova confraria e fica ali um pusillamine que uma mosca obriga a pedir socorro e tanto isto é verdade que no dia da festa do santo arrecadou as esmolas, e para ir para sua casa no logar do Casal Ermo, uns 100 metros distantes da igreja, ao fim da tarde e pela estrada nova, requisitou 2 soldados para o acompanharem, com medo dos ladrões.

O que elle deve fazer é largar a thesouraria porque o ordenado não lhe chega para os sustos, não fallando na perda de ser homem valente.

Encostado ao nicho das almas do Lapato, isto é, o nicho pertence ao Lapato, que ali o mandou construir para apanhar alguns cinco reis, e as almas são d'uns patifes que n'este mundo atormentaram uns pobres diabos perseguindo-os até mais não, e agora estão a cumprir sentença para o velho S. Pedro lhes poder abrir as portas do Céu, demora todas as tardes um amoroso par. Alguem já disse que o Ayres escolhe de preferencia aquelle logar para fugir das tentações da carne, pois vendo o painel lembra-se do fogo dos infernos que mais tarde o podem lumber com as suas enormes chamas, e o terror, que isto lhe causa, reprime a sua fogosa mocidade, contendo-o nos limites d'um namorado platónico. Não que as doçuras do amor ás vezes são tão amargas que nem o assucar vendido n'um anno pelo Thomaz é capaz de as adoçar. Portanto, juizo e tento na bola.

Contudo elle vai recebendo, como se lhe fossem dirigidos, os cumprimentos respeitosos que

os transeuntes fazem ao passar pelas alminhas, e a que responde, tirando com toda a cortezia o seu chapéu—Muito boas tardes.—Ella toda vaidosa, pelo seu bem amado ter tantos conhecimentos, é como a gralha enfeitando-se com as pennas do pavão, partilhando d'aquelles cumprimentos.

¿Rapto?

Que troça, que ironia. . .

¿Onde a noite de luar, a bella mulher, o formoso joven namorado, as tranças louras compridas, o castello, o cavallo branco sobre cujo dorso fujam, a floresta virgem a que se recolham, as frutas de que se alimentem, a caverna em que se abriguem, a fera de que se defendam?

Secção liturgica

¿Sendo preciso sair a deshoras o Sagrado Viatico pode o parochio prohibir o toque de sinos e campainha?

Segundo as theorias do nosso D. Prior pode, mas a S. C. dos Ritos oppõe-se dizendo que o respeito devido ao Sagrado Viatico é sempre o mesmo, quer de dia, quer de noite.

¿Pode o parochio não deixar sair o Sagrado Viatico sem ser acompanhado pelo thesoureiro da confraria do Santissimo?

Deve sair immediatamente, sendo o parochio responsavel se o doente fallecer durante o tempo que se espera pelo thesoureiro.

¿Qual é o mellhor meio de conciliar as duas perguntas anteriores?

O parochio ser cortez, e não caprichoso, respeitar e dar-se bem com todos para que seja respeitado.

No Theatro Chalet representava-se «O Filho da Republica». Eram comparsas o «Perinha», o Ferreira, o «Praina», o «Cabaço», o «Gigante», o «Pataco», etc.

O «Perinha», fazia de soldado e tinha uma scena de namoro, mas quando atravessava o palco para se dirigir á sua *ella*, tropeçou, cahiu, ficou atrapalhado e envergonhado, e desapareceu nos bastidores dizendo á *maneaba*:

—Por aqui é que é o caminho.

O Ferreira era sargento, chegou ao palco com uma força, e em voz de arroganço diz:

—A' direita e á esquerda alto!

O «Praina» representava de general, e entregava a um capitão seu subordinado um prisioneiro de guerra, e em vez de dizer:

—Capitão, entrego-lhe o prisioneiro, a sua cabeça responderá por elle.

Disse:

—Capitão, entrego-lhe a sua cabeça.

Como premio de consolação diz o «Perinha»:

—Se eu fosse dandy tinha andado muito bem.

Como se vê alguns d'elles tem decidida vo-

cação para a arte dramatica, e até já ha quem pense em constituir-os sociedade para inaugurar o theatro Gil Vicente.

Perguntaram ao Silva de que cor era o cavallo branco de Napoleão.

Elle, depois de pensar um bocádo, respondeu:

—Eu não o conheci, mas pelo retrato parece-me que era preto.

Manda-nos o sr. Benjamin J. da Silva a seguinte carta para publicarmos. E' de lei e de justiça a defeza. A falta de espaço inhiibe-nos de lhe fazermos algumas considerações:

«... Sr. redactor—Respondo á «Lagrima» de domingo, sobre o que me diz respeito. As minhas obras são «chatas e pelintras», como diz. D'isso é culpada a Camara. Como sabe, uma roseira que está cercada de arvoredo é tolhida pela sombra e nunca dá flores perfectas, com aquelle aroma e belleza dasque produzem as roseiras nos jardins onde recebem o sol. Figuradamente fallando, eu sou tolhido por uma sombra de má vontade que me cobre e tolhe a vida. Com os repetidos embargos que me tem opposto a nossa vereação, tenho gasto perto de 500\$000 reis!... Se o sr. redactor sabe dar merecimento ás boas obras, tambem eu sou homem de bons desejos. O que faz a minha azenha ser «chata e pelintra», portanto sem attractivo algum para a vista dos transeuntes, é aquella persiguição que me fazem os «Muito Altos, Muito Poderosos Camaristas, e Senhores Nossos», como muito bem diz. Ainda agora tenho pendente nos tribunacs uma demanda. Já vê que, com esta cruz, não posso chegar á meta dos meus desejos...

Do v., etc.

Barcellos, —31—7—97.

Benjamin José da Silva.

Diz o Delfino que o Nunes dissera—«Se não houvesse um Eugenio, seria preciso inventá-lo».

—Visitou hontem a magnifica officina onde é impressa a «Lagrima» o nosso querido amigo Albino Leite.

—O Zé Mathias foi hoje ao Bom Jesus do Monte evocar o espirito de Longuinhos.

—No ultimo numero da «Lagrima», na noticia onde se lê—José Faria, deve lêr-se Manuel Faria.

—No proximo numero d'este quizenario apresentaremos uma descripção da innovação introduzida pela Camara no lago do jardim.

BARCELLOS

Responsavel—João Gonçalves da Silva

Typographia Barcellense